

O CONFLITO DIPLOMÁTICO MARROCOS-ALEMANHA: SÓ “MAL-ENTENDIDOS”?

No dia 1 de Março o Ministério dos Negócios Estrangeiros marroquino suspendeu os contactos com a embaixada da Alemanha em Rabat. No dia seguinte, o respectivo ministro, Nasser Bourita, dirigiu uma carta à chefe do governo alemão onde justifica esta decisão com os «profundos mal-entendidos (...) sobre questões fundamentais para o Reino de Marrocos»¹.

«O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros exortou o governo e todas as suas representações a "suspender todos os contactos" com a embaixada alemã em Rabat. Bourita indica que "os departamentos ministeriais e todos os organismos sob a sua supervisão são solicitados a suspender todo o contacto, interacção ou acção cooperativa, em qualquer caso ou de qualquer forma, tanto com a embaixada alemã em Marrocos como com as organizações de cooperação alemãs". As excepções requerem um acordo prévio explícito do Ministério dos Negócios Estrangeiros.»²

A imprensa alemã, na reacção à notícia, refere o papel que a questão do Sahara Ocidental desempenhou nesta decisão. O diário DER SPIEGEL cita um alto funcionário da diplomacia marroquina que inclui o conflito na justificação desta medida. O diplomata fala, também, da “indiferença” com que a Alemanha reagiu ao reconhecimento pelos Estados Unidos da soberania marroquina sobre o território. O jornal invoca igualmente o incómodo de Marrocos por não ter sido convidado para a conferência internacional sobre a Líbia realizada em Berlim. O que voltou a acontecer na «segunda reunião do Grupo de Apoio à Transição no Mali, que é integrado pelo Grupo dos Cinco Países do Sahel (Mali, Mauritânia, Chade, Burkina Faso e Níger), Argélia, ONU e Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental / CEDEAO.»³, também realizada na capital alemã. O MNE Bourita, contactado pelo diário, recusou comentar o ocorrido.⁴

«O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha disse, em nota divulgada pela televisão pública alemã DEUTSCHE WELLE DW, que convocou hoje, 3ª feira [2 de Março] a embaixadora marroquina em Berlim, Zohour Alaoui, para uma reunião urgente para explicar os motivos da suspensão por parte do MNE de Marrocos de todos os contactos diplomáticos com a Embaixada da Alemanha em Rabat.»⁵

Os “mal-entendidos” terão, provavelmente, começado com a renúncia de Horst Köhler ao cargo de Enviado Pessoal do Secretário-geral da ONU para a questão do Sahara Ocidental. Na altura, Maio

¹ <https://www.ecsaharai.com/2021/03/por-que-marruecos-suspendio-sus.html>.

² <https://www.ecsaharai.com/2021/03/crisis-diplomatica-entre-alemania-y.html>.

³ <https://www.ecsaharai.com/2021/03/despues-de-berlin-marruecos-excluido.html>.

⁴ <https://www.ecsaharai.com/2021/03/der-spiegel-califica-la-nota-de-bourita.html>.

⁵ <https://www.ecsaharai.com/2021/03/el-ministerio-de-relaciones-exteriores.html>.

2019, o ex-presidente da República da Alemanha invocou razões de saúde para a sua decisão mas houve sectores da comunicação social marroquina que se vangloriaram do papel de Marrocos no estado de “saúde” de Köhler. Os governantes alemães não terão apreciado este desfecho, tanto mais que Köhler tinha conseguido voltar a sentar à mesa de negociações as duas partes. Aliás, o *International Crisis Group* no seu **Briefing nº. 82** de 11 de Março de 2021 alertou para as condições que Marrocos terá imposto para a nomeação do substituto de Horst Köhler. Percebendo que era difícil "enfrentar Berlim", Rabat não quer voltar a ter um alemão no cargo.

A dessintonia entre os dois países ficou igualmente patente quando

«Em 21 de Dezembro a Alemanha convocou uma reunião [à porta fechada] do Conselho de Segurança da ONU para discutir a decisão do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, sobre o reconhecimento do Sahara Ocidental como território marroquino.

«A declaração do representante alemão junto da ONU, Christoph Heusgen, após esta reunião de emergência reafirma a centralidade do processo da ONU e distancia-se da iniciativa americana. E endossa a Marrocos o fracasso do processo de referendo organizado pela ONU no início dos anos 1990, quando afirma que “10.000 colonos foram transferidos por Marrocos para a região que ocupava”. Para Berlim, as transferências de marroquinos para o Sahara Ocidental para serem incluídos no eleitorado estão na origem do atolar do processo do referendo. (...).

«A Alemanha responsabiliza Marrocos pelo fracasso na realização de um referendo, mas, mesmo assim, continua a manter uma cooperação muito activa com Marrocos. Repete que é o seu melhor aliado na região e que é um país amigo com o qual não deixa de ser generosa e solidária. A título de prova, a 2 de Dezembro de 2020 (...) Berlim disponibilizou um envelope de 1,387 mil milhões de euros de apoio financeiro, dos quais 202,6 milhões de euros sob a forma de donativos e o restante sob a forma de empréstimos subsidiados, em apoio às reformas do sistema financeiro marroquino e à luta contra a Covid-19.»⁶

A Alemanha não está sozinha nesta política de duplicidades.

«Desejosa de preservar o seu estatuto de maior parceiro comercial de Marrocos, a UE tem o prazer de olhar para o lado enquanto as empresas europeias fazem negócios no Sahara Ocidental, especialmente em fosfatos, pesca e, mais recentemente, energia verde. Isto, apesar de várias decisões do Tribunal de Justiça Europeu de que os acordos comerciais da UE com Marrocos não se aplicam ao Sahara Ocidental, uma vez que o consentimento dos saharauis não foi obtido. Recentemente, em 2018, o TJUE determinou que um acordo de pesca UE-Marrocos só seria válido “na medida em que não fosse aplicável ao Sahara Ocidental e às suas águas adjacentes”.

«A resposta da UE foi enviar uma missão de averiguação do Parlamento Europeu para “consultar” alguns grupos saharauis aprovados por Marrocos e alegar que o seu consentimento era suficiente para cumprir o padrão estabelecido pelo tribunal. Este truque permitiu que a UE alegasse que os acordos com Marrocos permitem explorar os recursos do Sahara Ocidental sem implicar “qualquer forma de reconhecimento da soberania de Marrocos sobre o Sahara Ocidental”.

«Isso pode explicar por que a Alemanha pensou que poderia safar-se com algum sinal de virtude barato em resposta à decisão de Trump, enquanto uma unidade da *Siemens*

⁶ <https://orientxxi.info/magazine/offensive-diplomatique-marocaine-contre-l-allemande,4606>.

AG podia celebrar uma grande encomenda de turbinas eólicas "no sul do Marrocos" - um eufemismo para o Sahara Ocidental.

«Mas Rabat já não se satisfaz com estas exhibições espalhafatosas de prestidigitação diplomática.»⁷

«Desde o passado dia 18 de Março, segundo a imprensa marroquina, Bourita iniciou uma série de aproximações aos países da Europa Central com o objectivo de "estabelecer relações bilaterais e apoiar a integridade territorial". Os países escolhidos foram três: Polónia, Hungria e Áustria. (...). Neste sentido, a empresa polaca *flyARG*, do sector aeronáutico e especializada na construção de helicópteros ultra-leves, anunciou que vai investir ilegalmente no Sahara Ocidental, infringindo as leis do direito europeu e internacional.»⁸

Como **escreveu** Nestor Prieto, estudante de Ciência Política na Universidade de Salamanca,

«O conflito no Sahara Ocidental é multidisciplinar. A guerra que se seguiu à ocupação marroquina (1975-1991) desenrolou-se em paralelo com uma batalha diplomática constante, por vezes mais dura e com consequências mais nefastas do que a que se trava no campo militar. (...).

«A monarquia alauita sempre teve o apoio próximo da França, que tem o seu principal foco de influência no continente africano em Marrocos e tem fomentado uma cumplicidade mútua em política internacional. A França, tanto com governos social-democratas como republicanos ou liberais, vetou no Conselho de Segurança da ONU todas as iniciativas contrárias aos interesses do seu parceiro, destacando-se o veto que, em 2013, impediu a MINURSO de monitorizar as violações de direitos humanos no território.

«Na UE, Marrocos tem combinado a vulgar diplomacia com métodos novos e sofisticados de pressão e influência. O Sahara Ocidental é "a prioridade" da política externa do país e do seu corpo diplomático, que pressiona politicamente os Estados ao mesmo tempo que oferece excelentes contratos económicos para a exploração dos recursos naturais nos territórios ocupados. Além disso, a UE aproveita-se dos baixos custos da mão-de-obra e dos preços baixos em Marrocos para a aquisição de matérias-primas, sendo um dos principais importadores de fruta, legumes e peixe.

«Soma-se a isso a migração e o narcotráfico, dois elementos que Marrocos controla com mão de ferro e cujo fluxo para a Europa oscila conforme o cenário político. A geografia permite isso. Assim, em determinados momentos, o reino alauita facilita o tráfico como forma de pressão contra os países europeus. (...). Desde o regresso da guerra ao Sahara Ocidental, a chegada de migrantes às Ilhas Canárias (partindo das cidades do Sahara ocupado) aumentou em quase 700% em relação a 2019, de acordo com o Ministério do Interior espanhol, tendo-se tornado a mais letal rota de todas as existentes para tentar entrar na UE. Cerca de 3.000 pessoas morreram em menos de seis meses.

«A este factor acresce a inteligente política económica marroquina, que também por meio do seu corpo diplomático oferece contratos económicos vantajosos a governos, empresas e multinacionais europeias para fazer negócios nos territórios ocupados. Como exemplo, destacam-se a *Siemens*, (...), o *Deutsche Bank*, (...).

⁷ <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2021-03-02/germany-pays-for-europe-s-hypocrisy-over-morocco-and-western-sahara?sref=am1wYMj6>.

⁸ <https://www.ecsaharai.com/2021/03/marruecos-centra-ahora-su-accion.html>.

«A exploração do sector da energia - construção de parques eólicos e fotovoltaicos -, a dos fosfatos - extracção e distribuição -, da construção - para as imensas necessidades logísticas do território - ou da pesca são tremendamente lucrativas e um dos principais argumentos utilizados por Marrocos para que a Europa reconheça a sua soberania sobre o Sahara.

«Paralelamente a este trabalho político e económico, levado a cabo pelas Embaixadas e Consulados, Marrocos investe somas significativas de dinheiro na criação de *think tanks* e *lobbies*. Uma prática que ocorre em todo o mundo. (...). Na Europa, esse trabalho de bastidor ganhou maior visibilidade desde o reinício da guerra: presença nos meios de comunicação social [caso do DIÁRIO DE NOTÍCIAS], reuniões com ex-autoridades ou prebendas de diferentes níveis a governos.»